

SÓCIO-ONOMÁSTICA: UMA NOVA ABORDAGEM METODOLÓGICA

SOCIONOMASTICS: A NEW METHODOLOGICAL APPROACH

Patrícia Helena Frai¹

Resumo: Este artigo evidencia a diferença entre a metodologia de pesquisa na área concernente ao estudo dos nomes próprios: a Onomástica, cabendo a Antroponomástica o estudo específico dos nomes próprios de pessoas. Existem diferentes formas de pesquisar os antropônimos: a primeira forma é pelo *étimo*, origem do nome, a segunda analisa os antropônimos com o objetivo de estudar a sua relação com a sociedade que o utiliza. Considerando as diferentes formas de pesquisar os nomes próprios de pessoas, observa-se também diferentes métodos de se fazer a pesquisa. Nessa direção, o presente artigo objetiva explicitar uma nova metodologia de pesquisa para a área da Sócio-Onomástica, evidenciando a importância de métodos específicos para cada objetivo de pesquisa. A revisão bibliográfica do artigo mostra como a adoção de uma metodologia adequada para uma pesquisa científica na área da Onomástica pode contribuir, efetivamente, na análise dos dados gerados.

Palavras-chaves: metodologia, antropônimos, sócio-onomástica.

Abstract: This paper shows the difference between research methodology in the area of the proper names studies: The Onomastic, in which the Anthroponomastics the specific study of personal proper names. There are different ways to study people proper names: the first way is etymological, the name origin; the second analyzes the personal proper names with the objective of studying its relation with the society which uses it. Considering the different ways to research the personal proper names, it is also possible to notice different methods of doing research. In this way, this paper has the goal to show a new methodology of research for the area of socionomastics, showing the importance of specific methods for each goal of the research. The paper literature review shows how the adoption of an appropriate methodology for scientific research in the area of Onomastics can contribute effectively in analyzes of generated data.

Keywords: methodology, personal proper names, socionomastics

Introdução

Nomear pessoas sempre foi uma prática muito presente em toda e qualquer comunidade, além de atemporal, os nomes próprios de pessoas, também chamados de antropônimos, podem revelar questões muito mais profundas do que apenas seu significado

¹ Mestre em Letras na área de concentração em Linguagem e Sociedade (2016) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, graduação e Licenciatura plena em Letras Língua Portuguesa e Língua Inglesa (2013) na mesma instituição.

etimológico. Segundo Dick (1992), a criação de um antropônimo está intimamente ligada aos fatores históricos e sociais que tal comunidade o utiliza.

O estudo dos nomes próprios está inserido na grande área da Lexicologia que tem como objetivo o estudo científico das palavras, sua categorização e estruturação. Diante dos substantivos próprios, Biderman (1998, p. 11) afirma: “O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente”.

Nessa direção, a Onomástica é uma vertente de estudos da Lexicologia que se destina ao estudo específico dos nomes próprios de pessoas, tanto nomes de lugares, cidade e ruas – Toponomástica, como também nomes próprios de pessoas, alcunhas e sobrenomes – Antroponomástica.

Considerando a segunda como viés teórico em foco no artigo, destacam-se duas possibilidades distintas para o estudo de um antropônimo. A primeira, refere-se ao estudo do nome a partir de sua etimologia, ou seja, o significado do nome, e a segunda, a partir do uso do nome em um contexto social, cultural. Para a segunda forma de estudo, criou-se a sub área denominada Sócio-Onomástica que se propõe estudar o porquê da atribuição dos nomes próprios de pessoas e qual a relação existente entre a comunidade que a utiliza (LANGEDONCK, 2007).

Observa-se, portanto, duas possibilidades de estudo dos antropônimos e, nessa perspectiva, considera-se importante observar que haja duas metodologias distintas, adequadas para cada objetivo e tipo de pesquisa.

Visando essas duas possibilidades de pesquisa na Antroponomástica, o presente artigo tem como objetivo abordar as diferenças metodológicas entre as duas formas de fazer pesquisa na área, explicitando uma nova abordagem metodológica para a segunda. Para tal objetivo, far-se-á, primeiramente, uma breve introdução aos estudos dos nomes próprios, em seguida, uma explanação das duas perspectivas de estudo e, por conseguinte, um estudo detalhado da metodologia para pesquisas na área da Sócio-Onomástica.

Destaca-se que a metodologia na pesquisa Sócio-Onomástica foi desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica e adaptada a um objeto de estudo, sendo divulgada em uma

dissertação de mestrado². Considera-se importante a divulgação dos dados analisados pois, o presente artigo pode auxiliar demais pesquisadores da área em realizar seus trabalhos.

1 A pesquisa na Antroponomástica: diferentes perspectivas

Considerando que os nomes de pessoas não são atribuídos sem alguma motivação, surgiu uma área na Linguística que se dedicou ao estudo científico desse fenômeno: a Onomástica que está inserida na grande área da Lexicologia. Biderman (1998) destaca a importância desses estudos: “O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente (...)” (BIDERMAN, 1998, p.11). Cabe a Onomástica o estudo específico dos substantivos próprios: a Toponomástica – estudo dos nomes de lugares como cidades, estabelecimentos, ruas, etc, e a Antroponomástica – que estuda os nomes próprios de pessoas, considerando os prenomes, sobrenomes e alcunhas. De acordo com Dick (1992):

Enquanto os topônimos definem e precisam os contornos de qualquer paisagem terrestre, os antroponimos se referem, com exclusividade, à distinção dos indivíduos entre si, no conjunto de agrupamentos sociais, ao mesmo tempo que permitem e possibilitam aos núcleos assim constituídos a aquisição de uma personalidade vivenciada através da nomenclatura de seus membros. (DICK, 1992, p. 178, grifos da autora).

Percebe-se então que é natural do ser humano nomear tudo que está a sua volta. Cada língua apresenta formas diferentes de organização linguística, utilizando, assim, os nomes próprios a partir de uma determinada estrutura, conceitos e valores. Dick ainda se posiciona sobre as duas correntes de estudos da Onomástica:

[...] ambos os designativos ultrapassam, em muito, a conceituação teórica que lhes é atribuída, tornando-se, nas Ciências Humanas, fontes de conhecimento tão excelentes quanto as melhores evidências documentais. São, por assim dizer, verdadeiros registros do cotidiano, manifestado nas atitudes e posturas sociais que, em certas circunstâncias, a não ser através deles, escaparia às gerações futuras (DICK, 1992, p.178).

² Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de mestre em Letras junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade. Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem: Descrição dos fenômenos Linguísticos, Culturais, Discursivos e de Diversidade.

Por isso, é imprescindível observar que os nomes não são atribuídos de antemão, eles revelam marcas sociais e culturais de quem os utiliza. Dick (1992, p. 190) afirma a respeito: “a Antroponímia, ciência que estuda os nomes próprios e individuais, “em suas origens a alterações”, tais alterações presentes na sociedade.

É necessário esclarecer aqui algumas questões terminológicas. Dick foi uma das precursoras dos estudos da Onomástica no Brasil, na publicação de seus primeiros trabalhos, o termo *antroponímia* era utilizado em dois sentidos: como termo que designa a área de estudo, como também o conjunto de nomes próprios. Atualmente, faz-se a distinção do termo sendo utilizado apenas para se referir com conjunto de nomes e, o termo *Antroponomástica* para a ciência que os estuda.

Na Antroponomástica, é possível estudar de diferentes formas os antropônimos. De acordo com Guérios (1981) os nomes próprios podem ser estudados a partir de dois aspectos principais, são eles: “1º) Sob o aspecto linguístico, da sua origem ou criação (etimologia); e 2º) sob o aspecto social ou psicossocial, o da sua escolha ou das razões por que são ou foram sempre empregados (...) (GUÉRIOS, 1981, p. 16). Em direção aos estudos de Guérios (1981), o pesquisador Willy Van Langendonck, precursor dos estudos da Sócio-Onomástica, também aponta as mesmas perspectivas de estudo: como uma forma linguística atrelada a um étimo e como forma linguística atrelada ao uso. Para designar a primeira, Langedonck propõe o termo *proprial lemma* (lema de nome próprio) e, para o segundo, o termo *individual use of proper name* (uso do nome próprio) (LANGENDONCK, 2007, p.7).

Refletir sobre duas abordagens teóricas distintas para o estudo dos antropônimos implica em refletir, também, em diferentes abordagens metodológicas. Utilizar uma vertente de análise para o *corpus* implica na forma em que gerará os dados e analisados, posteriormente.

Evidenciando as duas formas de estudos, surgiu diferentes estudos para ambas abordagens: há pesquisas que analisam os nomes próprios de pessoas através de sua origem, considerando a etimologia do nome ou sobrenome e há pesquisas que visam o estudo das motivações dos antropônimos considerando o contexto social, cultural em que o designador atribuiu o nome. Para os estudos específicos dessa última área, foi atribuída o nome de Sócio-Onomástica.

2. Métodos utilizados nas pesquisas antroponomásticas

No Brasil, os estudos onomásticos ganharam maior visibilidade a partir dos projetos de pesquisa realizados e divulgados pela professora Maria Vicentina do Amaral Dick, da Universidade de São Paulo (USP). Seus estudos foram inovadores para a área, ainda então não estudada no país. Seide (2013) explicita as contribuições da pesquisadora na área da toponímia: na criação de uma metodologia adequada e eficiente para a criação do “Atlas Toponímico do Estado de São Paulo”.

No que concerne aos estudos efetivos da Antoponomástica, ainda há poucas pesquisas no Brasil quem vem sendo desenvolvidas, o contrário ocorre no cenário mundial, onde é possível encontrar diferentes trabalhos.

Considerando os dois métodos explicitados, observa-se que, para a pesquisa voltada a etimologia do nome, utiliza-se a pesquisa documental: ao definir o objeto de estudo, o pesquisador vai ao cartório de Registro Civil e coleta a amostra necessária com informações das certidões de nascimento. Em seguida, preenche-se ficha catalográficas específicas para o controle de variáveis, faz-se uma análise quantitativa, construindo gráficos e tabelas comparativas e, posteriormente, analisa-se as possíveis relações dos prenomes ou sobrenomes com a origem do antropônimo, analisando se a etimologia, a origem étnica e as possíveis motivações estudadas por Guérios (1981), que estão atreladas as motivações para qual o designador atribui um nome.

Esse método quanti-qualitativo foi utilizado pela pesquisadora mexicana Yolanda Guilhermina López Franco que pesquisou os nomes de batismos dos moradores de Tlalnepantla de Baz, no México durante o período de um século: de 1901 a 2000, com base em amostragem de certidões de nascimento por década. Após a coleta de dados no cartório de Registro Civil local, foram elaborados vários gráficos e tabelas evidenciando os resultados. Os dados mostraram os nomes mais frequentes, analisando a origem etimológica do nome ou língua em que estava escrito, ainda que a pesquisadora estudou a morfologia dos nomes atribuídos (LOPÉZ FRANCO, 2010).

Não tão distante, a pesquisa de Vescovi (2015) também considerou a análise documental para estudar os prenomes e sobrenomes dos nascidos em Palotina - PR e Maripá - PR. O objetivo da pesquisa foi descrever aspectos salientes na norma antroponímica em cada município, quais as convergências e divergências entre elas e, ainda, verificar se havia alguma influência ou não da colonização na ascendência dos nomes próprios de pessoas em decorrência do processo migratório.

A pesquisadora coletou 600 nomes registrados no cartório civil de Palotina –PR, nas datas de 1957, 1967, 1977, 1987, 1997 e 2007. Ainda, foram coletados mais os 100 primeiros registros da década de 1970, 1971 a 1975 devido ao ano de colonização do local. Já em Maripá, foram coletados nomes das décadas de 1966, 1976, 1996 e 2006-2008. Em sua pesquisa, a autora observou que os fatos históricos influenciaram nos dados antroponímicos. A partir da Era da Hortelã, no município de Palotina, percebeu-se que outros sobrenomes, de outras etimologias começaram a surgir, tal fato é justificado pelo fato de muitas emigrantes tenham vindo para a localidade em busca de trabalho.

Os dados mostraram que em 1957 a etimologia dos sobrenomes foram: italianas 33%, híbrida (italiana + outra etnia) 17%, germânica (18%) e outra ascendência (japonesa, portuguesa) 32%. Em 1967, após a Era da hortelã, os dados se alteraram: sobrenomes de origem itala somaram 12%, híbrida 15%, germânica 19% e outra ascendência 52%. Sobre a revelação dos dados, a autora aponta:

Pode-se afirmar, portanto, que, a partir deste período, a tendência é de haver cada vez mais moradores de outras etnias no município estudado, dado que quando há um grande desenvolvimento na economia de uma localidade, há grande interesse em fazer parte desta localidade (VESCOVI, 2015, p.71).

A pesquisadora ainda catalogou os prenomes mais utilizados, os dados obtidos constam na tabela produzida por ela:

Tabela 1 - Representado os nomes preferidos dos palotinenses

MASCULINOS	FEMININOS
1º Luiz (23)	1º Maria (29)
2º Antônio (14)	2º Cristina (11)
2º José (14)	3º Aparecida (8)
3º Henrique (9)	4º Patrícia (5)
4º Vitor (5)	4º Ana (5)
5º Gabriel (5)	4º Cláudia (5)

Fonte: Vescovi (2015)

Assim como a pesquisa de López Franco (2010) e Vescovi (2015), tais explicações para as mudanças na norma antroponímica são hipóteses do que pode ter ocorrido na prática de nomeação de tais localidades. Diga-se hipóteses pois não há certezas do porquê da atribuição de tantas Marias, no *corpus* de Palotina, por exemplo.

Esse resultado decorre porque muitas vezes, o designador não considera o significado e origem do nome, ao contrário do sobrenome, o qual, segundo Dick (1992), é perpassado de geração para geração, sendo hereditários, mostrando a origem étnica do indivíduo. Nesse sentido, afirma Seide (2013):

Quando se atenta para o ato designativo é preciso levar em consideração o conhecimento do designador a respeito do nome escolhido e suas motivações. Em raros casos, há, por parte do designador, conhecimento sobre o significado etimológico dos primeiros nomes, se bem seja comum haver algum conhecimento sobre a origem dos sobrenomes ou da comunidade na qual determinado primeiro nome é mais utilizado (SEIDE, 2013, p. 172).

A adoção exclusiva do método etimológico, como mostra Seide, torna a pesquisa limitada, pois o estudo etimológico restringe a pesquisa no que diz respeito as reais motivações que levam o designador a atribuir um nome. Porém, ao tratar de sobrenomes, esses podem sim revelar a origem étnica.

Portanto, a mesma metodologia adotada para uma pesquisa descarta a possibilidade de análise de outra. Dessa forma, o método utilizado pelo estudo linguístico do nome próprio a partir da etimologia não se aplica ao estudo linguístico dos antropônimos a partir do seu uso concreto na sociedade.

Nesse enfoque, o pesquisador da área se depara com um embate metodológico, por haver poucas pesquisas na área da Sócio-Onomástica para se amparar. Seide (2013) observa sobre os métodos de se fazer pesquisa: “No caso dos estudos onomásticos, paradigmas diferentes são utilizados quer se trate de estudar os nomes próprios de lugares, objeto de estudo da Toponomástica, quer se trate do estudo dos nomes próprios de pessoas, objeto de estudo da Antroponomástica” (SEIDE, 2013. p.166).

3. Uma nova abordagem metodológica para a Sócio-Onomástica

De acordo com Dick (1992), a escolha de um nome pode revelar a situação geográfica, histórica e social do designador, como do designado. Nessa perspectiva, percebe-se que os nomes próprios de pessoas não são atribuídos arbitrariamente, eles revelam marcas identitárias e culturais que se modificam de acordo com cada comunidade. Isso porque os nomes fazem parte de um processo cultural de um população e podem revelar as características que a organizam. Dick expõe:

Os aspectos semânticos que os nomes de pessoa podem ressaltar estão ligados aos motivos que, em determinadas épocas e regiões, orientavam a criação dos antropônimos, os quais, dessa forma, se tornavam aptos a refletir os costumes das civilizações envolvidas, como manifestações culturais de seu povo (DICK, 1992, p. 181-2).

Sobre as marcas identitárias, Seide, por sua vez, explicita sobre a importância do estudo dos nomes próprios sob um viés social:

Entende-se por relação identitária aquela em que um primeiro nome é utilizado exclusivamente por uma dada comunidade, motivo pelo qual serve de indício de que o portador do nome pertence a essa comunidade. Assim portar este nome significa ser identificado como parte da comunidade, como um sujeito igual àqueles que a ela pertence e diferente daqueles que se acham fora desta sociedade (SEIDE, 2013, p. 174).

Para esse estudo social do antropônimo é necessário haver uma metodologia adequada. A análise documental, adotada pelo viés etimológico do nome não consegue responder as questões atreladas as reais motivações da escolha de um nome. Por isso, em uma pesquisa realizada por Frai (2016), a autora organizou uma metodologia voltada especificamente ao uso social do antropônimo.

A pesquisa pauta-se na análise quantitativa e qualitativa de 250 nomes simples justapostos (denominados n2), divididos igualmente entre as décadas de 1930-1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010. Ressalta-se que na década de 2010 houve uma proporção da quantidade de entrevistados pelo fato da década não ter terminado.

Nomes simples justapostos são dois nomes simples que constituem uma única peça lexical cada, com significado próprio (LÓPEZ FRANCO, 2014): Ana Carolina e Pedro Henrique, ao contrário dos nomes compostos que formam um conjunto único consagrado pelo uso, como é o caso, por exemplo, dos nomes Maria de Fátima e João Paulo.

O objetivo da pesquisa foi investigar os modelos atributivos mais utilizados para a escolha de um segundo nome, na cidade de Marechal Cândido Rondon – PR, tendo em vista as possíveis influências socioculturais presentes na prática de nomeação.

Desse modo, Frai (2016) criou uma metodologia para que se pudesse chegar ao objetivo proposto. Inicialmente, foi delimitado a construção da amostra. Na pesquisa Sócio-Onomástica sente-se a necessidade de flexibilizar a metodologia e há consciência de que, para esse tipo de pesquisa, é necessário a interação ativa do pesquisador, sendo, portanto, inegável sua influência no objeto pesquisado.

Primeiramente, delimita-se o universo de análise. A amostragem do tipo estrutura fechada se enquadra na pesquisa, segundo Pires (1997, p. 158): “a situação do pesquisador é tal que lhe é impossível pesquisar toda a sua população e ele decide retirar dela uma amostra bem definida”. Para a amostra é necessário ainda que se defina as variáveis utilizadas para a pesquisa. Dentro de um trabalho na área da Sócio-Onomástica, muitas variáveis podem ser trabalhadas, como por exemplo: gênero, faixa etária, classe social, religião, etnia, local de origem, entre outros.

Para a geração de dados, há duas possibilidades para o pesquisador obter as informações necessárias. A primeira é o questionário, Marconi e Lakatos pontuam o objetivo do método: “é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito sem a presença do entrevistador” (MARCONI; LAKATOS, 1996, p. 88), o questionário não necessita de muito tempo para obter grande quantidade de dados. No entanto, o entrevistador não poderá mediar as perguntas nem interagir com o entrevistado. Tal abordagem oferece desvantagens para a pesquisa na Sócio-onomástica.

Ao contrário, a entrevista face a face oferece uma maior abordagem aos dados, uma vez que o pesquisador interage diretamente com o entrevistado, podendo conduzir as perguntas mais como uma conversa informal, a fim de deixar o entrevistado mais livre a responder as questões. A entrevista que possibilita maior maleabilidade é a semiestruturada ou não-dirigida, conforme explicita Poupert:

A entrevista não-dirigida apresenta inicialmente a vantagem de se basear adequadamente na realidade do entrevistado. Gozando de um máximo de liberdade para se expressar sobre o ou os temas de pesquisa [...] Esta primeira vantagem é, em geral, alegada por oposição ao questionário e à entrevista estruturada, estratégias que comportam – e isto mesmo quando o pesquisador faz uma investigação preliminar e testa previamente o instrumento – riscos de pré-estruturação do discurso, elevados em razão da forma predeterminada das questões e das respostas. (POUPART, 1997, p. 224).

Frai (2016) delimitou o *corpus* a partir das variáveis faixa etária e gênero, ela utilizou tal abordagem para conseguir maiores informações com os entrevistados. Muitas informações extras foram coletadas a partir do diálogo informal. Esse tipo de entrevista foi adotado com o objetivo de além de o entrevistado fornecer informações sobre motivações dos nomes, também fornecer informações que podem ajudar a traçar um perfil sociológico dos entrevistados.

No entanto, para tal abordagem metodológica, é necessário levar em consideração o *paradoxo do observador*, estudado por Labov (1984), na Teoria Variacionista. O paradoxo do observador consiste na necessidade de o pesquisador conseguir dados mais próximos da fala do informante, sabendo o informante que sua fala está sendo monitorada.

Levando a teoria para a pesquisa dos nomes próprios, o fato do pesquisador entrar em contato direto com o entrevistado, pode, de alguma forma, interferir em suas respostas. Nessa perspectiva, o pesquisador tenta não influenciar nas respostas do entrevistado. Assim, ele deve se inserir na comunidade, estabelecer interações comportamentais com as pessoas e realizar a entrevista de forma a não intimidar seu entrevistado. Nesse sentido, pontua Tarallo: “O propósito do método de entrevista sociolinguística é o de minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador na naturalidade da situação de coleta de dados (TARALLO, 2001, p. 21).

Na pesquisa de Frai (2016), observou-se a importância do paradoxo do observador ao perguntar, por exemplo, a religião do informante. A pergunta que inicialmente era: “Qual a sua religião?” foi modificada para “Você frequenta alguma igreja?”. Tal mudança foi realizada, pois a primeira pergunta presume que o informante possui de fato alguma religião e, em determinadas entrevistas, observou-se que alguns ficavam intimidados em responder “não”.

As entrevistas necessitam serem gravadas para que o pesquisador não perca nenhuma informação. Salienta-se aqui que a pesquisa de Frai passou pelo crivo do Comitê de Ética³. Para o controle de variáveis, foram criadas tabelas para a organização do material. As entrevistas foram catalogadas em fichas de controle de número de informantes para cada década.

Salienta a importância na criação de tabelas de controle justamente para mostrar um rigor científico do trabalho quantitativo dos dados ora gerados. Primeiramente, há identificação do número de gravação. Em seguida, consta o nome do entrevistado, o nome e idade do portador do nome justaposto. Por conseguinte, há informações sobre o entrevistado: profissão, religião, local de origem, transcrição da entrevista e motivação citada. Abaixo apresenta-se o modelo de tabela criado pela pesquisadora com um exemplo real da pesquisa:

³ Cabe informar que esse instrumento de geração de dados bem como os demais procedimentos metodológicos adotados passaram pelo crivo do Comitê de Ética em Pesquisa em seres humanos, sendo avaliado como relevante para a área. Anexo à dissertação encontram-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa.

Tabela 2 – Tabela de controle de variáveis completa

Número de gravação	014
Nome do entrevistador	Regina Adelaide
Nome do portador de um segundo nome	Sandro Arthur (filho de Regina Adelaide)
Idade do portador de um segundo nome	50
Profissão	Cantoneira aposentada
Religião	Católica
Local de origem	RS
Transcrição	<i>“pro nome do Sandro, tinha uma vez uma novela... aquelas novela em revista sabe, aí tinha com um Sandro e eu achava esse Sandro maravilhoso aí coloquei o nome do meu filho assim, o segundo nome dele é Arthur porque era o vô... meu pai”.</i>
Motivação citada	1º prenome: mídia 2º prenome: homenagem ao avô

Fonte: Frai (2016).

Após a transcrição das entrevistas e organização dos dados nas tabelas acima criadas, os dados foram contabilizados. É interessante que se faça gráficos e tabelas para que os dados numéricos fiquem melhor visualizados.

As entrevistas foram ouvidas e as informações transcritas na tabela acima ilustrada. Foram criados dois gráficos em cada década: um para n2 feminino e outro para n2 masculino.

Frai (2016) categorizou as motivações mencionadas de acordo com o estudo de Jiménez Segura (2014), no qual os modelos atributivos são divididos em: modelo tradicional – nomes religiosos e advindos da família; nomes da moda – atribuídos em uma tendência cíclica e de eleição livre – que analisa outras motivações mencionadas. A partir dessa categorização, as motivações foram analisadas e adaptadas à natureza dos dados gerados empiricamente.

A análise qualitativa da pesquisa iniciou após o processo de transcrição e análise inicial dos dados. Todo o percurso da análise quantitativa faz-se de suma importância, pois na análise qualitativa, os dados estão organizados para a análise dos nomes no eixo cronológico.

3. Os modelos de atribuição de nomes próprios

De acordo com Jiménez Segura, os modelos atributivos podem ser divididos em modelo tradicional, modelo por influência da moda e nomes a partir da eleição livre. A pesquisadora explica:

O modelo tradicional, como já dito, é aquele em qual se elege um nome de batismo a partir de santos, alguma festa litúrgica ou devoção mariana, ou também por herança nominal da família [...]. O modelo por influência da moda, por sua parte, depende da percepção social eu que se tem sobre nomes frente a outros [...] (JIMÉNEZ SEGURA, 2014, p. 44, tradução nossa).⁴

Já os nomes que se enquadram em “eleição livre” são aqueles que se distinguem dos tradicionais e da moda, ou seja, são as demais motivações mencionadas como, por exemplo: crenças individuais, causalidade, circunstância de nascimento, entre outros.

Os modelos de atribuição tradicional podem ser subdivididos em antropônimos de influência religiosa: nomes atribuídos devido à devoção dos pais a algum santo, nomes bíblicos ou nomes atribuídos devido ao calendário litúrgico (JIMÉNEZ SEGURA, 2014, p. 44) ou nomes atribuídos em homenagem à família: pais, avós, primos, tios, entre outros.

O modelo de atribuição da moda, de acordo com a autora, refere-se aos nomes que se encontram presentes na norma antroponímica por um determinado tempo, ou seja, que em um momento estão em voga, em outro, não. As motivações categorizadas nesse modelo são a mídia: nomes atribuídos devido a alguma pessoa famosa, atrizes, atores, cantores ou jogadores de futebol, bem como personagens de novelas e músicas. Outra motivação encontrada por Frai (2016) foi a estética: atribuição do nome por achar-lo esteticamente bonito, com pronúncia fácil e agradável ou fácil de escrever.

Os modelos de atribuição livre são todos aqueles outros mencionados, não pertencentes aos modelos acima descritos, Frai (2016) categorizou as seguintes motivações: influências históricas ou políticas, circunstância de tempo e lugar do nascimento do indivíduo, univocidade, crenças individuais, originalidade, causalidade, significado do nome, nome à disposição, influência literária e etnia.

Após a categorização e a análise quantitativa dos dados, parte-se para a análise qualitativa. Estudar os dados e relacioná-los aos possíveis acontecimentos históricos e culturais depende de uma vasta revisão bibliográfica.

⁴El modelo tradicional, como ya se dijo, es aquel em el cual se elige el nombre de pila desde el santoral, alguna fiesta litúrgica o advocación mariana, o bien partir de la herencia nominal familiar [...]. El modelo por influencia de la moda, por su parte, depende de la percepción social que se tiene sobre determinados nombres frente a otros [...] (JIMÉNEZ SEGURA, 2014, p. 44).

A partir dos dados gerados na pesquisa quantitativa, Frai (2016) relacionou a prática de dar nomes ao contexto histórico de colonização do município de Marechal Cândido Rondon. A análise realizada constatou-se que, para n2 feminino, o modelo atributivo tradicional religião foi o mais mencionado e, para n2 masculino, o modelo atributivo tradicional homenagens a familiares é o mais relevante. Levantando as hipóteses que podem justificar as atribuições, especula-se que, para os nomes n2 feminino, a religião seja mais fortemente marcada e, para os nomes n2 masculinos, o sistema patriarcal predomine na norma antroponímica, ou seja, o nome do pai de família sendo passado de geração em geração, assim como o sobrenome.

Tal fatos podem ser comprovados ao relacionar as informações das entrevistas com a história da colonização da cidade. A partir de 1952, muitos emigrantes oriundos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina vieram para o extremo oeste em um movimento político denominado Implantação do Estado Novo, que visava a colonização de territórios brasileiros ainda não povoados. Junto a esses emigrantes, veio também a Igreja Católica. Deitos (2007) destaca sobre a relação dos colonizadores com a igreja:

Ao transparecer afinidades das populações migrantes com a Igreja Católica, estas de fundamentam na experiência em que grupos de imigrantes tinham no Rio Grande do Sul, onde a situação de isolamento e abandono do poder público ao chegarem àquele Estado fez com que o catolicismo tivesse um papel fundamental no processo de organização de nova vida. No caso das colônias italianas no Rio Grande do Sul, a presença do catolicismo colocava-se como força de nomização. Está herança também pode ser relacionada, em parte, com o processo de colonização do oeste do Paraná (DEITOS, 2007, p. 185).

No que concerne a figura masculina, cabia ao homem o sustento da casa, trabalham predominantemente na agricultura, enquanto as mulheres ficavam em casa cuidando da educação dos filhos (informações obtidas em entrevistas).

Entre a década de 1960 e 1970, os antropônimos religiosos e as homenagens diminuíram, dando espaço aos nomes atribuídos pela moda ou estética. Tal fato pode ser comprovado ao estudar o processo de implantação da rádio local, instalada em 1963.

A partir da década de 1980 até 2000, percebeu-se que muitos nomes foram atribuídos pela mídia: nomes de personagens de novela, nome de jogadores de futebol e pessoas famosas foram mencionadas como motivação na atribuição do nome de um filho. Tal fato pode ser observado devido a popularização da televisão.

De acordo com o site Tecmundo⁵, a história da televisão brasileira inicia em 1950. Em 1980, a televisão se tornou um objeto indispensável nas residências e, em 1956, já existia cerca de 1,5 milhão de televisores no território nacional. A partir de então, o aparelho televisivo foi sendo aprimorado: em 1980, a televisão já emitia imagem colorida.

Em 2000 e 2010, os dados apontaram para uma retomada às motivações mencionadas nas décadas de 1930-1940. Antropônimos religiosos voltaram a ser mencionados em n2. O retorno de modelos atributivos pode ser entendido como uma ocorrência do fenômeno da moda vista como “a transformação, com tendência cíclica, do gosto coletivo” (BESNARD; DESPLANQUES apud LÓPEZ FRANCO, 2014, p. 3).

Considerações finais

A Sócio-Onomástica, subárea da Onomástica, é dedicada aos estudos dos nomes próprios relacionados aos acontecimentos sociais. Nessa perspectiva teórica, Frai (2016) realizou uma pesquisa cujo objetivo central foi investigar as motivações que levam à escolha do segundo nome do filho e relacioná-las aos acontecimentos históricos e sociais ocorridos no município de Marechal Cândido Rondon - PR.

A área de estudos dos nomes próprios – a Antroponomástica, possui duas formas distintas de estudar os antropônimos, uma delas é analisar as motivações pelas quais os pais escolhem um nome ao filho e como essa escolha está relacionada ao contexto sociocultural que o designador se insere. Para que se pudesse realmente conhecer o porquê de os pais atribuem um segundo prenome aos filhos, foi escolhido como procedimento metodológico a realização de entrevistas semiestruturadas para que a pesquisadora fosse diretamente conversar com os informantes. Salienta-se a importância de determinada escolha, pois, dessa forma, muitas informações extras puderam ser recolhidas.

Retoma-se aqui que o detalhamento da metodologia é fundamental para a pesquisa antroponomástica. Tal abordagem metodológica contribui para o fortalecimento dessa área de estudos, mostrando assim que há cientificidade e métodos adequados a serem seguidos em uma pesquisa antroponímica.

⁵ <http://www.tecmundo.com.br/projetor/2397-historia-da-televisao.htm>

Referências

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo Biderman. O Léxico. In: OLIVEIRA, A.M.P.P; ISEQUERO; A.P., ORGS. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Editora UFMS, Campo Grande, 1998.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2. ed. FFLCH: São Paulo, 1992.

FRAI. Patrícia Helena. *Motivação para a escolha de um segundo nome na antroponímia rondonense*. Dissertação (Mestrado em Letras - Área de concentração: Linguagem e Sociedade), UNIOESTE, Cascavel, 2016. [no prelo].

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

JIMÉNEZ SEGURA, Selene. *Los modelos de atribución del nombre de pila tradicional y a partir de la moda en el municipio de Tlalnepantla de Baz, estado de México. Estudio sincrónico y diacrónico de tres calas: 1930, 1960 y 1990*. Dissertação de Mestrado, 2014, Escuela Nacional de Antropología e Historia.

LABOV, William. *Field methods of the Project on Linguistic change and variation*. Disponível em <<http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/L470/Labov1984.pdf>> Acesso 25 mar. 2014.

LANGENDONCK, Willy van. *Theory and Typology of Proper Names*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2007

LÓPEZ FRANCO, Yolanda Guillermina. *Un siglo de nombres de pila en Tlalnepantla de Baz*. Universidad Nacional Autónoma de México. México: Plaza y Valdés. 2010.

LÓPEZ FRANCO, Yolanda Guillermina. Los nombres de pila en la década de 1980 en Montpellier, Francia, y en Tlalnepantla de Baz, México, bajo un enfoque socioantroponímico. 2014. *As ciências do léxico. Lexicologia, lexicografia, terminologia*, vol.VII. ISQUERDO, A.N.; DAL CORNO, G.O.M. (org), Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014, p.15- 38.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de Pesquisa*. 3. ed. São Paulo: S.A: 1996.

PIRES, Álvaro P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In:_____ et al. *A pesquisa qualitativa: questões epistemológicas e metodológicas*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 154 – 211.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In:_____ et al. *A pesquisa qualitativa: questões epistemológicas e metodológicas* Petrópolis: Vozes, 2008, p. 215 – 253.

SEIDE, Márcia Sipavicius. Toponomástica e Antroponomástica: paradigmas e métodos. *Revista Confluência*, n. 44, 2013, p. 165 - 184.

_____. Importância relativa da etimologia para análise dos antropônimos. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 10, 2012, Cascavel, PR. CORBARI, Alcione Tereza (Org.). *Anais*. Cascavel, [s.n.], 2012. p. 1-10. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/10/artigos/AnaAmaliaSouza.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Socmio-lingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática: 2001.

VESCOVI, Jéssica Paula. *Prenomes e sobrenomes em Palotina-PR e em Maripá-PR: um estudo comparativo*. Dissertação (Mestrado em Letras - Área de concentração: Linguagem e Sociedade), UNIOESTE, Cascavel, 2015.

Recebido em 18 de abril de 2016.

Aceito em 18 de outubro de 2016.